

Entrevista

Pedro Gilberto Gomes



Demétrio de Azeredo Soster¹

O professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação em Ciências da Comunicação e pró-reitor Acadêmico da Unisinos, Pedro Gilberto Gomes, ao lado de pesquisadores como os professores-doutores Antônio Fausto Neto, Luiz Braga e Jairo Ferreira, é um dos pioneiros nas investigações em torno do fenômeno da midiatização no Brasil e América Latina. Sua pesquisa está fortemente marcada pela percepção de que a humanidade está em meio a uma transformação substancial em seu modo de ser e atuar em decorrência da midiatização, e, com ela, da instauração de uma nova ambiência, “um novo modo de ser no mundo”. Pedro Gilberto Gomes concedeu a seguinte entrevista à Rizoma:

1 Na condição de pioneiro nas investigações em torno do fenômeno da midiatização no Brasil e América Latina, ao lado de nomes como Antônio Fausto Neto, Luiz Braga e Jairo Ferreira, para ficarmos nos principais, sua pesquisa se debruça, mais notadamente, sobre a instauração de uma nova ambiência na sociedade a partir da midiatização, de “um novo modo de ser no mundo”. Que implicâncias essa perspectiva tem para o ser-humano, na comparação com o que vivemos ao longo de toda a sociedade dos meios e mesmo antes desse período?

Estamos numa nova ambiência que, se bem tenha fundamento no processo desenvolvido até aqui, significa um salto qualitativo, uma viragem fundamental no modo de ser e atuar. Compreender a midiatização como um novo modo de ser no mundo implica reconhecer a complexidade do momento, com a criação de uma nova ambiência. Assumindo-se a midiatização como um novo modo de ser no mundo², supera-se, no meu entendimento, a mediação como categoria para se pensar a mídia hoje, tanto a tradicional quanto a digital. Sintetizando, a sociedade está no limiar da construção de um novo modo de ser no mundo. Mais do que uma análise dos meios e suas funções na sociedade, busca-se determinar a gramática correta para interpretar o que se está vivendo. Ousaria dizer que vivemos o início de uma nova ética.

2 O senhor trata deste assunto em seu novo livro – *Midiatização: um novo modo de ser e viver da sociedade*, escrito com Elson Faxina e publicado pela Paulus (2016). Aos seus olhos, qual a principal contribuição que a obra oferece para os estudos em midiatização no Brasil e no

¹ Pós-doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos; professor-pesquisador do Programa de Pós-graduação em Letras e do Departamento de Comunicação da Unisc.

² Expressão buscada em Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*.

mundo, em especial quando o assunto é pensar essa nova ambiência de matizes mediados?

O livro significa uma tentativa de compreender o momento presente numa reflexão que chamo de *metamediática*. Estamos diante de uma realidade que nos ultrapassa e nos conforma. Voltamos aos clássicos para resgatar alguns conceitos, tais com "nous", unidade, sistema. A obra pretende fazer com que os pesquisadores do fenômeno se debruçam sobre a complexidade, buscando a unidade do sistema.

3 Na comparação com os demais pesquisadores da mediação, à revelia de onde se encontrem; se no Brasil ou no exterior, o senhor se encontra dentre os que vão buscar na filosofia, e não na sociologia, desde o jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin, pelo menos, o lastro para a construção e compreensão do conceito de mediação e suas complexificações. O que a filosofia tem a nos ensinar quando o assunto é compreender a essência da mediação?

A filosofia tem a missão de fazer com que ultrapassemos o real imediato, o singular, para olharmos a realidade na sua complexidade. A partir da filosofia, podemos explicitar e explicar tanto a nossa visão do mundo quanto os questionamentos que a realidade nos faz. Em uma revisitação aos pensadores que procuraram compreender a realidade atual encontraremos conceitos adequados para interpretar o fenômeno da mediação. Eles nos fornecem a gramática adequada para dimensionar o que estamos vivendo.

4 O senhor tem mostrado, nos seminários que ministra e nas pesquisas que realiza, um olhar muito atento para a pesquisa em mediação em países como os nórdicos. Foi iniciativa sua, por sinal, a tradução do "A mediação da cultura e da sociedade", do dinamarquês Stig Hjarvard (Editora Unisinos, 2014). O que temos a aprender com a pesquisa em mediação que eles realizam, na comparação com a que é feita no Brasil?

Talvez, de uma maneira mais sistemática, a reflexão levada a cabo na Europa do Norte procura dar conta do fenômeno da mediação. A visão sistêmica do que acontece hoje, propugnada por aqueles pensadores, vai mais além do que as pesquisas tradicionais sobre meios, receptores, emissores. No caso de Stig, por exemplo, na obra citada, diversas dimensões da vida atual são relidas à luz do conceito de mediação. Por certo, há diferentes perspectivas na consideração do que eles fazem e aquilo que se faz no PPGCom da Unisinos. Entretanto, nossa reflexão não pode deixá-los de lado. Quem me lembrou enfaticamente dessa necessidade foi o pesquisador norte-americano Stewart Hoover, quando esteve na Unisinos ministrando seminários na Linha de Pesquisa *Mediação e Processos Sociais*.

5 De seu ponto de vista, por que é que os pesquisadores nórdicos, por exemplo, quando referenciam os latino-americanos, o fazem quando muito a partir de Eliseo Verón e seu olhar seminal, ignorando todo o

resto? É apenas uma questão de domínio da língua, ou há outros fatores que influenciam nisso?

Eliseo Verón é o nosso pesquisador mais conhecido. Possuía (ainda possui, mesmo depois de sua morte) grande influência na França e, daí, no resto da Europa. Foi ele o primeiro que se debruçou sobre a realidade da comunicação na perspectiva da mediação. Além disso, no caso de nosso PPGCom, por certo a barreira linguística é um fator determinante. Na Europa do Norte o português é desconhecido; o espanhol é um pouco menos, mas também é fraco. Penso que, enquanto nossa produção não for veiculada em inglês, permaneceremos exóticos para eles.

6 Considerações que julgares necessárias.

Termino com um trecho de um texto onde refaço a trajetória do conceito de mediação tal como se desenvolveu nas pesquisas da Linha de Pesquisa *Mediação e Processos Sociais*. Ali, afirmo o que segue.

A sociedade em processo de mediação é maior, mais abrangente, que a dinâmica da comunicação até agora levada a cabo na chamada sociedade dos meios. Não é somente a comunicação que é potencializada, isto é, não são apenas as possibilidades de comunicação, por meios tecnológicos extremamente sofisticados, que caracterizam o contexto atual; mas a sofisticação tecnológica, amplamente utilizada pelas pessoas desde a mais tenra idade, cria um novo ambiente matriz que acaba por determinar o modo de ser, pensar e agir em sociedade. A esse ambiente matriz designamos de sociedade em mediação.

A mediação abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos.

De um lado, é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea. A sociedade é em mediação. O ser humano é em mediação. Isso, hoje, sublinhe-se, configura um novo modo de ser no mundo. Esse é o substrato cultural no qual se movem os diversos grupos sociais no mundo. A sociedade erigida nesses movimentos é uma sociedade em processo de mediação.